

Perfil do Atleta de Basquetebol Sobre Rodas de uma Instituição Pública

The Profile of Wheelchair Basketball Athlete of a Public Institution

STENIO MELO LINS DA COSTA¹
ALLYSON ALVES BARROS²
FABIANNY TOMAZ SITONIO³
MARIA DE FÁTIMA ALCÂNTARA BARROS⁴
ANTONIO GERALDO CIDRÃO DE CARVALHO⁴

RESUMO

Objetivo: O objetivo deste estudo foi analisar o perfil clínico – demográfico de uma equipe de basquetebol sobre rodas. **Material e Métodos:** Realizou-se um estudo descritivo, tendo como universo os atletas de basquete sobre rodas do NED/FUNAD. A coleta dos dados fez-se por formulário próprio, nos arquivos do NED; e pela aplicação de questionário semi-estruturado. **Resultados:** Os treze indivíduos estudados apresentaram idade média de 34,08, tendo como ocupação/profissão: sete (53,9%) aposentados e/ou bolsistas; três (23,1%) estudantes; um (7,7%) auxiliar de produção; um (7,7%) *personal trainer*; e um (7,7%) operador de telemarketing. Apenas um atleta tinha menos de um ano no esporte e os demais, 5,91 anos em média, com frequência de treinos de 4,85 vezes por semana em média. Deles, 10 (76,9%) tinham diagnóstico de poliomielite; dois (15,4%), de lesão raquimedular; e um (7,7%), de hidrocefalia/meningocele. Relacionado à dor, cinco (38,5%) referiram senti-la e oito (61,5%), a negaram, sendo mais referidos: membros inferiores, coluna lombar e cervical e, finalmente, ombros. Sobre a frequência, um (20%) sente diariamente, três (60%), aos esforços e um (20%), esporadicamente. Questionados sobre outra prática esportiva, nove (69,2%) praticavam e quatro (30,8%) não. Todos relataram melhora na qualidade de vida depois da prática do esporte. **Conclusão:** Os resultados indicaram haver associação entre o esporte e a melhoria na percepção da qualidade de vida dos atletas.

DESCRIPTORIOS

Qualidade de Vida. Lesões Esportivas. Pessoas com Deficiência.

ABSTRACT

Objective: To identify the clinical and demographic profile of a wheelchair basketball team. **Material and Methods:** This was a descriptive study whose universe was composed by wheelchair basketball athletes from NED/FUNAD. Data were collected in the archives of NED using a form, and by means of a semi-structured questionnaire. **Results:** The 13 athletes studied had mean age of 34.08 years, and their occupation/professions were: 7 (53.9%) pensioners and/or receiving scholarship; 3 (23.1%) students; 1 (7.7%), production assistant; 1 (7.7%), personal trainer; and 1 (7.7%), telemarketing operator. Only 1 athlete had less than one year of experience in the sport and the others had 5.917 years on average, with mean frequency of trainings 4.85 times *per* week. Amongst them, 10 (76.9%) had diagnosis of poliomyelitis; 2 (15.4%), of spinal-cord injuries; and 1 (7.7%), of hydrocephaly/meningoceles. A total of 5 (38.5%) individuals reported feeling pain and 8 (61.5%) had no pain. The most mentioned painful regions were: inferior limbs, lumbar and cervical spine and, finally, shoulders. Regarding frequency of pain, 1 (20%) reported feeling it daily, 3 (60%) only when making efforts and 1 (20%), sporadically. When questioned about the practice of another sport, 9 (69.2%) said "Yes" and 4 (30.8%) "No". All individuals reported improvement in the quality of life after practicing the sport. **Conclusions:** The results indicated an association between the sport and improvement in the athletes' perceived quality of life.

DESCRIPTORS

Quality of Life. Athletic Injuries. Disabled Persons.

1 ¹ Professor Doutor do Departamento de Fisioterapia Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pesquisador do Laboratório de Gestão e Serviços de Saúde (LAGESS) do Núcleo de Estudos e Pesquisas Epidemiológicas em Fisioterapia e Saúde – NEPEFIS do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB, Brasil.

2 ² Fisioterapeuta, graduado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Acadêmico de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande (FCMCG), Campina Grande/PB, Brasil.

3 ³ Aluna do Curso de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

4 ⁴ Professor Ph.D. do Departamento de Fisioterapia da UFPB, pesquisadores do Laboratório de Fisioterapia em Saúde Coletiva (LabFISC)/NEPEFIS da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa/PB, Brasil.

No Brasil vivem cerca de 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que representava, no ano 2010, 24% da população. O Nordeste apresentou os maiores percentuais para todas as deficiências (26,6%). Entre os estados, o Rio Grande do Norte (27,8%), a Paraíba (27,8%) e o Ceará (27,7%) apresentaram os maiores percentuais (IBGE, 2010).

Com o intuito de promover a melhoria da qualidade de vida dessa população, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência propõe, dentre outros, ações que promovam o desenvolvimento de potencialidades e habilidades individuais dessas pessoas. Frequentemente, esse objetivo é alcançado por meio da participação dos deficientes em diversos tipos de atividades físicas, isso porque as atividades físicas, esportivas ou de lazer, propostas aos portadores de deficiência, possuem valores terapêuticos, proporcionando tanto benefícios físicos quanto psicossociais (NOCE, SIMIM, MELO, 2009). Além desses benefícios, a prática do esporte adaptado possui o efeito adicional de corroborar com o processo de reabilitação de seus adeptos (CARDOSO, 2011). Desta forma, o esporte adaptado surge como uma alternativa para a prática esportiva pelos portadores de deficiências.

Modalidade esportiva com características próprias, que possibilita a sua prática por portadores de necessidades especiais, o basquetebol em cadeira de rodas deu início à prática do esporte adaptado no Brasil, em julho de 1958 (MATOS, 2004). Desde então, essa modalidade tem sido uma alternativa para os deficientes físicos, uma vez que o basquete em cadeira de rodas é uma atividade desenvolvida para pessoas com deficiência física permanente dos membros inferiores, podendo ser praticado por lesados medulares, amputados, sequelados de poliomielite e portadores de outras incapacidades funcionais que os impeçam de correr, saltar e pular, como fazem os indivíduos que praticam o esporte sem adaptações (LABRONICI, 2000).

A prática da modalidade oferece diversos e variados benefícios aos seus praticantes. No aspecto físico, esses benefícios incluem, dentre outros, ganho de força e agilidade, concluíram GORGATTI, BOHME (2002). Ao analisarem a potência de membros superiores e agilidade de jogadores de basquetebol sobre rodas, os autores demonstraram a associação do esporte com o incremento da potência de membros superiores e da agilidade no manejo da cadeira de rodas.

Dessa forma, além de estimular a autonomia e a independência funcional, a prática da atividade física pode resultar em benefícios a nível motor, desenvolvendo velocidade, agilidade, força, equilíbrio, coordenação, ritmo, flexibilidade e as capacidades cardiorrespiratórias (aeróbia e anaeróbia). Semelhantemente, observam-se benefícios em nível cognitivo, através do

desenvolvimento do raciocínio, da atenção, melhorando a percepção espaço-temporal, aumentando o poder de concentração; e, finalmente, em nível afetivo, tendo em vista que a prática de atividades físicas favorece a socialização, o espírito de luta, o controle da ansiedade e a autoestima (TEIXEIRA, 2006). Adicionalmente, a prática do esporte oferece aos deficientes físicos uma importante possibilidade de lazer e recreação, sendo esses os principais motivos que motivam os cadeirantes à prática da modalidade. Outras razões incluem: oportunidade de novas amizades, competição e perspectiva de melhora em relação à deficiência. (BOAS *et al.*, 2003)

Apesar da importância que o basquetebol sobre rodas tem como alternativa para a prática esportiva de portadores de deficiência física, ainda são relativamente poucos os estudos que descrevem as características das populações que pratica a modalidade. Esta pesquisa teve o objetivo analisar as características demográficas e clínicas dos membros de uma equipe de basquetebol sobre rodas, da Cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba. Adicionalmente, a investigação pretendeu avaliar alguns fenômenos relacionados à prática da modalidade: ocorrência de queixa de dor entre os participantes e percepção dos atletas do impacto da atividade em sua qualidade de vida.

MATERIAL E MÉTODOS

Realizou-se um estudo descritivo, através de uma coleta de dados feita de duas maneiras: indireta, por meio de análise documental; e direta, com aplicação de um questionário semi-estruturado. Os dados foram analisados quantitativamente. A pesquisa foi desenvolvida no Núcleo de Educação Física e Desportos (NED), da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD).

O universo da pesquisa foi constituído pelos atletas do basquete sobre rodas do NED/FUNAD praticantes da atividade na época em que a pesquisa foi realizada, sendo todos do sexo masculino. Foi excluído da amostra todo e qualquer atleta com menos de 18 anos de idade, ou que possuísse alguma deficiência mental, ou ainda, que fosse praticante da atividade há menos de trinta dias.

A Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD) foi criada no Estado da Paraíba pela Lei nº 5.208 de 18/12/89. O Governo do Estado tem esta instituição como responsável por sua política de valorização da pessoa portadora de deficiência, cuja "atribuição básica é habilitar, reabilitar, profissionalizar e inserir no mercado de trabalho, portadores de deficiência, bem como desenvolver programas de prevenção e capacitação de recursos humanos" (FUNAD, 2008).

A FUNAD se divide em coordenadorias que oferecem assistências específicas para todos os tipos de deficiências, abrangendo as dimensões físicas, psíquicas e sociais, desde a assistência à saúde, profissionalização, educação e esportes. Para a assistência ao esporte especificamente, dispõe do Núcleo de Educação Física e Desportos.

O NED, local de realização do estudo, foi criado no ano de 1991. É o setor da FUNAD responsável pela reabilitação por meio das atividades físicas e práticas desportivas, atendendo a deficiências físicas motoras, visuais e auditivas, como também a deficiências mentais, respeitando as limitações dos praticantes, valorizando e desenvolvendo seu potencial (NED/FUNAD, 2000).

O núcleo é composto por uma equipe de professores formados em educação física, atendendo aos dois turnos. Existe uma parceria entre a FUNAD e o Centro Integrado de Educação Física e Desporto (CIEF), onde são realizados os eventos e os treinos (NED/FUNAD, 2000).

Além de atividades extras, como os desfiles cívicos, caminhadas, passeios, jogos e a realização da semana do portador de deficiência, os trabalhos do NED são desenvolvidos pelos seguintes serviços: futsal, capoeira, natação, iniciação à dança (folclórica), ginástica rítmica, atletismo, voleibol e basquete sobre rodas, este último, objeto de nosso estudo (NED/FUNAD, 2000).

No NED, o basquetebol em cadeira de rodas surgiu em março de 1998, por solicitação da então presidente da instituição, Maria de Fátima Ribeiro Barbosa Lira (NED/FUNAD, 2008). Na época em que esta pesquisa estava sendo realizada, a equipe constituía a seleção paraibana de basquete sobre rodas, e fazia parte da 1ª divisão do basquete nacional. Seus treinos aconteciam de segunda a sexta-feira, no Ginásio da Vila Olímpica Ronaldo Marinho, no Bairro dos Estados, em João Pessoa – PB, das 10h00 às 13h00 (NED/FUNAD, 2008).

A coleta dos dados foi realizada em abril de 2009, tendo sido realizado um levantamento documental, nos arquivos do NED. Na ocasião, foram coletados dados demográficos dos atletas disponíveis em suas fichas individuais. Adicionalmente, aplicou-se um questionário semi-estruturado para a coleta de dados referentes à percepção de dor e da melhoria da qualidade de vida dos atletas.

O projeto que previa a realização desse estudo foi aprovado por unanimidade na 1ª Reunião Ordinária, realizada no dia 04 de março de 2009, do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, sob o protocolo de número 0022.

Os dados foram analisados utilizando-se o *software* SPSS 16.0, onde foi montado um banco de dados e, a partir daí, foram analisadas diferenças de

percentuais, distribuição de frequências e média aritmética das variáveis estudadas.

RESULTADOS

Os 13 indivíduos estudados apresentaram idade média de 34,08 anos, sendo a mínima de 24 e a máxima de 47 anos. Em relação à ocupação/profissão, sete (53,9%) eram aposentados e/ou bolsistas do programa “Bolsa Atleta” do Governo do Estado da Paraíba; três (23,1%) eram estudantes; um (7,7%) era auxiliar de produção de uma fábrica de calçados; um (7,7%) era *personal trainer* e um (7,7%), operador de telemarketing.

Apenas um atleta praticava o esporte havia menos de um ano; os 12 restantes o praticavam havia 5,91 anos em média. Em relação à frequência nos treinos, observou-se uma média de 4,85 vezes por semana, o que equivale a aproximadamente 14 horas.

Dos atletas estudados, dez (76,9%) tinham diagnóstico de poliomielite, dois (15,4%), de lesão raquimedular traumática e um (7,7%) de hidrocefalia/meningocele.

Ao serem questionados sobre a presença de dor, cinco atletas (38,5%) referiram senti-la e oito (61,5%) a negaram. Dos que sentiram dor, um (20%) relatou dor na coluna cervical e nos membros inferiores, um (20%) na coluna lombar e nos membros inferiores, um (20%) na coluna lombar e no membro inferior direito, um (20%) no joelho direito e um (20%) na coluna cervical e nos ombros.

Em relação à frequência da dor, um (20%) relatou a sua presença diariamente, três (60%) disseram sentir apenas aos esforços e um (20%), esporadicamente. Quanto à intensidade, dois (40%) a apresentaram de forma moderada e três (60%), de forma intensa (Tabela 1).

Quando questionados sobre a prática de outra atividade esportiva além do basquetebol em cadeira de rodas, nove atletas (69,2%) responderam que praticavam, enquanto quatro (30,8%) negaram. Dentre as outras práticas esportivas relatadas, foram citadas: o atletismo, o halterofilismo e o tênis de mesa.

Para uma melhor avaliação dos resultados, analisaram-se as variáveis dor e prática de outro esporte, na qual se pode perceber que todos os atletas que praticavam uma segunda modalidade esportiva sentiam dores, como mostra a tabela dois.

Todos os atletas que compuseram a amostra relataram melhora na qualidade de vida depois da prática do esporte, seja na relação familiar, citado em cinco ocasiões; no rendimento no trabalho, presente em quatro opiniões; na melhora da autoestima, citado 12 vezes; e, finalmente, no relacionamento interpessoal, citado sete vezes.

Tabela 1. Presença de dor associada à prática de outro esporte, em atletas de basquetebol sobre Rodas do NED/FUNAD.

		Presença de dor		Total
		Sim	Não	
Prática de outro esporte	Sim	5	4	9
	Não	0	4	4
	Total	5	8	13

DISCUSSÃO

Os resultados mostraram que o esporte é praticado por adultos. A variação etária observada no grupo foi grande, pois a diferença entre a menor e a maior idade foi de 23 anos, isso mostra que a atividade pode ser praticada por uma vasta parcela da população de deficientes físicos. Entretanto, provavelmente, em função das demandas cardiovasculares exigidas durante as atividades rotineiras do esporte, sua prática parece não ser uma opção para os indivíduos a partir da quinta década de vida, tendo em vista que, entre os atletas investigados, não se observou nenhum paciente nessa faixa etária.

Considerando o aumento da expectativa de vida do brasileiro e a importância que as atividades físicas desempenham no desenvolvimento da qualidade de vida dos indivíduos, independentemente de sua capacidade funcional, o resultado mostra a necessidade do desenvolvimento de atividades físicas alternativas, que agreguem os benefícios advindos da prática do basquetebol sobre rodas, mas que não exijam um condicionamento físico tão apurado, sendo assim, apropriadas para indivíduos com mais de 50 anos de idade. Analisando a qualidade de vida de paraplégicos praticantes do basquetebol sobre rodas, MEDOLA *et al.*, (2011) investigaram 16 indivíduos com idade média de 30,4 anos, sendo, portanto, semelhante à faixa etária encontrada no presente estudo.

Entretanto, o resultado difere do encontrado por PEREIRA, GABRIEL (2006), os quais, em estudo sobre a incidência de lesões desportivas nos atletas do basquete em cadeira de rodas, acharam uma média de idade dos atletas abaixo da encontrada nesta investigação, sendo de 25,05 anos de idade, com desvio padrão de $\pm 4,52$.

A população alvo dessa investigação era formada por atletas de alto rendimento, dentre os quais os da Seleção Paraibana de Basquetebol sobre rodas. Esse grupo era remunerado pelo Governo da Paraíba pela "Bolsa Atleta", programa do governo estadual que concede auxílio financeiro aos atletas de alto rendimento radicados no Estado. Essa era a principal razão para a

predominância desse grupo, o de bolsistas, na população.

Entretanto, os resultados referentes à ocupação dos sujeitos mostraram que os portadores de necessidade especial estão cada vez mais integrados às atividades educacionais e profissionais, tendo em vista que o restante da população ou trabalhava ou estudava, e alguns tanto trabalhavam quanto estudavam.

O resultado é semelhante ao encontrado por ZUCHETTO, CASTRO (2002), os quais constaram que 66% dos deficientes físicos praticantes de atividades físicas trabalhavam, 17% estudavam, e apenas 17% não trabalhavam e nem estudavam. Semelhantemente, NOCE *et al.*, (2009) analisando a influência das atividades físicas na qualidade de vida de deficientes físicos, mostrou que dos indivíduos ativos estudados, 70% exerciam um trabalho.

O resultado referente à variável tempo de prática mostrou que a maioria do grupo praticava a atividade, em média, havia mais de cinco anos, indicando haver poucas desistências entre os praticantes da modalidade. Os valores foram próximos aos encontrados por ROCCO, SAITO (2006), os quais, analisando as lesões esportivas em atletas de basquetebol em cadeira de rodas, relataram que o tempo de prática do esporte variou de dois meses a treze anos, com média de 6,5 anos. No mesmo estudo, observou-se que a carga horária de treinamento dos atletas foi em média 21 horas de treino por semana, sendo superior à encontrada neste estudo.

A poliomielite predominou como causa da deficiência física entre a população, resultado corroborado por LABRONICI *et al.* (2000), os quais relataram uma população de praticantes da modalidade composta por 73,3% de sequelados de poliomielite; 20% de lesados medulares e 6,6% por amputado de pé direito. Fazendo uma análise espirométrica em atletas de basquetebol em cadeira de rodas, FENATO *et al.*, (2007) acharam uma outra equipe formada por 50% de sequelados de poliomielite, 25% de lesados medulares, 16,6% de amputados de membro inferior direito e 8,4% de portador de mielomeningocele.

Todos esses resultados convergem no sentido de que a busca mais frequente para esta prática

desportiva é a de sequelados de poliomielite, seguida dos lesados raquimedulares, aparecendo com menor frequência as amputações e os problemas de ordem osteomuscular.

Na poliomielite, a paralisia afeta, predominantemente e de forma assimétrica, os membros inferiores. Pode haver, ocasionalmente, comprometimento da musculatura do tórax e da inervação bulbar. A progressão da doença normalmente estaciona de cinco a sete dias, havendo, então, um período de estabilidade e recuperação dos músculos paralisados nos meses seguintes (OLIVEIRA, MAYNARD, 2002). Ao permitir um maior equilíbrio estático e dinâmico, possibilitando um melhor controle de tronco na postura sentado, a preservação da função motora dos músculos abdominais e paravertebrais, presentes na maioria dos sequelados de poliomielite, é uma característica favorável à prática do basquete sobre rodas, tendo em vista que a prática do esporte exige excelente controle de tronco, além de reações de equilíbrio e de endireitamento. Isso explica, em parte, a predominância dos sequelados de poliomielite entre os atletas pesquisados.

A dor estava ausente na maioria dos casos, o que demonstra a adaptação do grupo ao esporte. A localização da dor no grupo que a referiu foi bastante variada, com destaque para a coluna vertebral, uma vez que a grande maioria dos atletas com queixas de dor a referiu ou na coluna lombar ou na coluna cervical.

As exigências de movimentos que envolvem a coluna vertebral durante a prática do basquetebol sobre rodas, como manobras com os membros superiores, arremessos, manejo da cadeira de rodas e rebotes (FREITAS, 2000), associado ao fato de que a postura sentada, adotada durante as atividades rotineiras do esporte, exerce maior tensão sobre a coluna vertebral, podendo ser causa de dor nesta região.

A sobrecarga de atividades é outro fator que pode explicar a ocorrência de dor no grupo, pois a maioria dos atletas que se queixou de dor referiu praticar outra atividade esportiva além do basquetebol sobre rodas, evidenciando uma relação direta entre essas duas variáveis. Os resultados são semelhantes aos relatados na literatura.

ROCCO, SAITO (2006) verificaram que as regiões do ombro, punho e coluna lombar foram as que tiveram mais referência de dor. Nesse aspecto, 43% dos atletas referiram dor no ombro, 21% dor no punho e 31% dor na coluna lombar. A presença de dor na coluna lombar e no complexo do ombro corroborou com os resultados do presente estudo, porém com frequências invertidas, ou seja, neste estudo, verificou-se mais queixas de dor na coluna do que no ombro. Outra divergência encontrada foi referente à dor nos membros inferiores, citada pela maioria dos atletas nesta investigação, quase sempre

associada à presença de dor na coluna vertebral, e ausente nas pesquisas realizadas pelos autores supracitados.

Todos os atletas relataram que a prática do esporte contribuía para a melhoria de sua qualidade de vida. O resultado é semelhante ao apresentado por MEDOLA *et al.* (2011), os quais demonstraram melhoria da qualidade de vida de paraplégicos que praticavam basquetebol sobre rodas. Semelhantemente, ANTONIETTI *et al.*, (2008), ao realizarem uma avaliação comparativa em lesados medulares sedentários e praticantes de basquetebol em cadeira de rodas, concluíram que os praticantes da modalidade apresentavam uma melhor qualidade de vida do que os indivíduos sedentários.

Diversas são as razões para essa percepção. A simples prática de uma atividade esportiva, ao eliminar o sedentarismo, contribui para a melhoria da qualidade de vida dos portadores de deficiências, tendo em vista que, como destaca DÉJEAN (2003) o sedentarismo é fortemente prejudicial à saúde física, psíquica, moral e social, atingindo ainda mais forte e cruelmente as pessoas deficientes.

A melhoria das relações sociais foi amplamente citada pelos atletas, seja essa na família ou nas relações interpessoais. O estudo de NOCE *et al.*, (2009) corrobora com esse resultado ao destacar que os benefícios psicológicos alcançados pela prática regular de atividades físicas se refletem nas relações de trabalho, na vida afetiva e social dos portadores de deficiência física. Adicionalmente, esses aspectos contribuem para uma melhor inclusão social do deficiente físico, tendo em vista que a prática esportiva para o portador de deficiência é um mecanismo facilitador da inclusão na sociedade. O resultado é corroborado pelo estudo de BOAS *et al.* (2003), o qual mostrou que 30% dos praticantes de basquetebol sobre rodas vivenciaram melhorias em suas relações sociais.

A influência da prática da atividade física e do esporte, em especial do basquete sobre rodas, na socialização e ressocialização dos indivíduos portadores de deficiência física foi demonstrada por LABRONICI *et al.*, (2000). Analisando o impacto das atividades esportivas na socialização de indivíduos portadores de deficiências físicas, os autores mostraram que, dentre os indivíduos que praticavam o basquetebol sobre rodas, 59,9% relataram melhora no trabalho; 66,6% tiveram melhora na conversa com uma pessoa, nas atividades domésticas e relacionamento com amigos; 73,2% referiram melhora na conversa com mais pessoas; e 80% tiveram melhora para atividades sociais, de lazer e no relacionamento com o companheiro.

A melhoria da autoestima, citada por doze dos treze atletas investigados, revelou-se como a mais

frequente dimensão associada à qualidade de vida a se beneficiar com o basquetebol sobre rodas. ZUCHETTO, CASTRO (2002) confirmam esse achado, ao afirmar que o portador de deficiência física que se envolve constantemente em atividades esportivas experimenta uma “sensação” de estar vivendo uma vida mais saudável, com a percepção de possuir uma melhor imagem corporal e com o reforço de sua autoestima. Semelhantemente, ao analisarem os aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas BOAS *et al.*, (2003) mostraram que a melhoria da autoestima foi um dos fatores mais significativos referidos por 40% dos praticantes da modalidade.

CONCLUSÕES

Os resultados desta investigação mostraram que o basquetebol sobre rodas é praticado por indivíduos jovens e adultos. Os sintomas dolorosos predominaram na coluna vertebral, em associação com os membros superiores e inferiores. Esse resultado pode estar associado ao fato de que o basquetebol em cadeira de rodas é uma atividade que exige considerável esforço físico de seus praticantes.

A atividade esportiva intensa, realizada por atleta profissional, jovem, treinando muitas horas ao dia, pode levar a uma sobrecarga repetitiva, afetando, dentre

outros, o sistema mio-ostearticular. Essa situação faz com que seja necessária a participação de uma equipe multidisciplinar de assistência aos praticantes do esporte, na qual o fisioterapeuta exerce importante função, não só na recuperação, mas também na prevenção das lesões a que essa população está sujeita.

Realizar uma análise detalhada da associação entre a prática do basquetebol sobre rodas e a qualidade de vida não foi objetivo desta investigação. Entretanto, os resultados indicaram haver associação entre o esporte e a melhoria na percepção da qualidade de vida dos atletas, em especial no que se refere à melhoria da autoestima dos pacientes, sendo esse um importante resultado da prática do esporte. A autoestima elevada contribui para a integração do deficiente físico em diferentes contextos, fenômeno que necessita de uma investigação mais aprofundada. Diante disso, verifica-se a necessidade da realização de futuros estudos que analisem, através da aplicação de instrumentos de avaliação adequados, a associação entre o basquetebol sobre rodas e a qualidade de vida de seus praticantes.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à FUNAD e o NED o apoio recebido para a realização desta investigação.

REFERÊNCIAS

- ANTONIETTI LS, COSTA RA, GONDO FLB, OLIVEIRA ASB, CHIARELLO B. Avaliação comparativa em lesados medulares sedentários e praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. *Rev Neurocienc.* 2008; 16(2):90-96.
- BOAS M, BIM R, BARIAN S. Aspectos Motivacionais e benefícios da Prática do basquetebol Sobre Rodas. *Rev Educ Fisic.* 2003; 14(2):7-11.
- CARDOSO V. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Rev Bras Esporte.* 2011; 33(2):529-539.
- DÉJEAN A. Les activités physiques et sportives em situation de handicap. *EMPAN.* 2003; 51(3):65-67.
- FENATO RR, COSTA AA, CALEGARI DR, GORLA JI. Análise espirométrica em atletas de basquetebol em cadeira de rodas. *Lect Educ Física y Deport (Buenos Aires).* 2007; 108(1):1.
- FREITAS PS. Manejo em cadeira de rodas. In: (org). *Edu Físic e Esport. para Deficien: coletânea.* Uberlândia. UFU, 2000.
- GABRIEL MG, PEREIRA LC. Incidência de lesões desportivas nos atletas do basquete em cadeira de rodas. 2006. [Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Fisioterapia] Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade da Amazônia, Belém – Pará, 2006. (46p).
- GORGATTI M, BOHME M. Potência de membros Superiores e Agilidade em Jogadores de basquetebol em Cadeira de Rodas. *Rev da Sobama.* 2002; 7(1): 9-14.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico, 2010.
- LABRONICI RHDD, CUNHA MCB, OLIVEIRA ASB, GABBAA. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. *Arq Neuropsiquiatria.* 2000; 58(4):1092-1099.
- MATTOS L. História do Basquetebol em Cadeira de Rodas no Brasil. *Confederação Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas.* Brasília, 2004.
- MEDOLA FO, BUSTO RM, MARÇAL AF, ACHOUR JUNIOR A, DOURADO AC. O esporte na qualidade de vida de indivíduos com lesão da medula espinhal: série de casos. *Rev Bras Med Esporte.* 2011; 17(4):254-256.
- NED/FUNAD, Álbum seriado, 2000.
- NED/FUNAD, Basquetebol, 2008.
- NOCE F, SIMIM MAM, MELLO MT. A Percepção de Qualidade de Vida de Pessoas Portadoras de Deficiência Física Pode ser Influenciada Pela Prática de Atividade Física? *Rev Bras Med Esporte.* 2009; 15(3):174-178.
- OLIVEIRA ASB, MAYNARD FM. Síndrome Pós-Poliomielite: Aspectos Neurológicos. *Rev Neurocienc.* 2002; 10(1):31-34.
- ROCC FM., SAITO ET. Epidemiologia das lesões esportivas sem atletas de basquetebol em cadeira de rodas. *Acta Fisiatr.* 2006; 13(1):17-20.
- TEIXEIRA AMF. Basquetebol em cadeira de rodas: *manual de orientação para professores de educação física.* Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.
- ZUCHETTO A, CASTRO R. As Contribuições das Atividades Físicas para a Qualidade de Vida dos Deficientes Físicos. *Rev Kinesis.* 2002; 26(1):52-166.

CORRESPONDÊNCIA

Prof. Stenio Melo Lins da Costa
Av. Av. Sapé, 953, aptº. 502 - Manairá
João Pessoa - Paraíba - Brasil
58 038-381
E-mail: steniom@yahoo.com.br